

**Corpos modernos para espaços de negociação de honras – cidade, sujeitos femininos e concepções de modernidade e mocidade na *Princesa do Sertão*.
Feira de Santana-Ba 1940-1960**

CRISTIANE LIMA SANTOS*

No contexto da política populista-nacionalista do então presidente Getúlio Vargas, estabelecida ao longo dos anos de 1940, quanto da política desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek instaurado no decorrer da década de 1950, que se baseavam no fenômeno da expansão do eleitorado urbano e na organização de partidos de massa, Feira de Santana, na Bahia, sentia as ressonâncias dessas políticas através de uma articulação entre o prestígio comercial da cidade com a construção da imagem moderna, inspirada nos ideais de modernidade em voga nas principais cidades brasileiras, que tomavam o projeto de urbanização adotado na cidade do Rio de Janeiro e, posteriormente, na cidade de Brasília.

Uma epidemia do novo e moderno se instalava no gosto da Feira de Santana dos anos de 1940 a 1960, as notícias veiculadas no jornal *Folha do Norte*¹ davam conta das mudanças que colocavam a *Princesa do Sertão*² como a cidade ligada à modernização da urbe que contrastava com as representações do mundo pastoril na qual estava inserida. A modernização tornou-se um objetivo a ser alcançado na tentativa de desprender do atraso que impedia a consolidação das práticas urbanas.

* Mestre em História Regional e Local pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB – Campus V.

¹ Principal semanário feirense que legitimou as transformações caracterizadoras do projeto de modernização na Feira de Santana dos anos de 1940-1960, ao mesmo tempo, dos principais obstáculos à construção e manutenção da imagem de cidade moderna, honrada. Assim, o consideramos um dos periódicos que mais disseminou a tentativa da modernização dos costumes e do refinamento de atitudes da sociedade feirense, sendo o porta-voz da propaganda da modernidade na cidade, tornando material, real, os principais símbolos que circulavam na construção da cidade moderna.

² O jurista baiano, Ruy Barbosa, ao visitar Feira de Santana em 1919, criaria esse epíteto, para referenciar o mérito da cidade como a mais importante do interior do Estado, caracterizando-a como uma espécie de segunda capital da Bahia, devido ao seu destaque comercial, em especial no comércio do gado. Em **Obras completas de Rui Barbosa: Campanha da Bahia**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa e Ministério da Cultura, 1988, vol. XLVI, tomo III, pp. 173-185, há a transcrição completa da Conferência de Feira de Santana onde declara: “viemos todos à busca, nesta romagem pelos sertões e pelo recôncavo, de Vila Nova da Rainha à Feira de Santana, da antiga corte sertaneja à bela princesa do sertão”.

Pouco a pouco, a autoridade dos coronéis constituída pela força e pelo mando, era substituída por uma composição social fundamentada no poder financeiro que no interior das relações sociais tinha pouca alteração. A modernização era camuflada através da urbanização, sob a aparência do novo, suas permanências e continuidades históricas, nos permitem dizer que a experiência de introdução do moderno na *Princesa do Sertão* foi, antes de tudo, uma alteração da aparência física do pequeno centro da cidade, sendo nitidamente visualizada nas páginas do jornal *Folha do Norte*.

A proposta de modernização em Feira de Santana efetuou um arranjo entre os ideais do moderno e a ordem já estabelecida. O ato físico de construir a nova cidade remeteu ao universo simbólico e material de seu ingresso no mundo dos valores nacionais, já que a remodelação urbana era paralela ao que era percebido como seu saneamento estético e moral: o apagamento da cidade sertaneja, pastoril e a construção de um cenário moderno.

Assim, começava a ser delineada uma modernidade que tinha como alicerce a valorização da urbanização a partir da qual as instituições civis, políticas, jurídicas e religiosas começavam a interferir na conduta dos sujeitos sociais buscando diminuir os aspectos interioranos da cidade e alterar os contornos da moralidade marcando os novos tempos, construindo a modernidade feirense.

De acordo o levantamento de dados do IBGE de 1940, Feira de Santana possuía uma população de 83.453. Desses, 55.579 não sabiam ler nem escrever e 19.660 mil residiam na zona urbana (IBGE – RECENSEAMENTO GERAL 1940). Já em 1950 o número populacional aumentaria para 107.205 habitantes, desses 107.205 habitantes recenseados 56.459 eram mulheres e 50.746 homens; 22.697 localizavam-se nos quadros urbanos, 11.580 nos suburbanos, e 72.928, na zona rural, correspondendo ao percentual de: urbano 21%, suburbano 11%, rural 68%, o que nos permite dizer que o município de Feira de Santana ainda era marcadamente rural. (IBGE – CENSO DEMOGRÁFICO 1950; FERREIRA, 1950: 229).

Arelado aos dados do IBGE é preciso observar que de fato, a partir da década de 1940, ao tempo que a população crescia, Feira de Santana passava por um considerável processo de mudanças, que se faziam presentes na expansão do espaço urbano, inclusive com a criação de novas instituições – escolares, culturais, jurídicas, religiosas,

financeiras, de saúde – de novos bairros e espaços de lazer. E continuava crescendo nos anos 1950 e 1960 no ritmo do aumento populacional nacional, pois de várias regiões do Nordeste chegavam os moradores que iriam reforçar as atividades de comércio, marcando a incidência cada vez maior das atividades comerciais no centro da cidade. Mas, ainda era um município marcadamente rural.

Mas, se o progresso da urbanização era evidente, também o aguçamento da anulação de tradições representativas do tempo que ligeiramente se extenuava colocava em evidência a questão das identidades que culturalmente iam sendo estabelecidas, levando ao estreitamento dos laços de pertencimento dos grupos sociais que criavam seus símbolos distintivos, marcando uma reorganização do cenário político local. (Ver HALL, 2000).

Para que os diversos grupos sociais de Feira de Santana não fossem dominados pela emoção e facilmente influenciável e vulnerável à decomposição do moderno, a elite feirense através dos seus intelectuais higienizadores apresentava e assumia a responsabilidade pela ordem social. Daí a necessidade de instituir mecanismos citadinos de vigilância e controle – entre os quais os códigos que serviam como instrumentos imprescindíveis para o registro dos parâmetros da melhor convivência da população no recinto urbano.

A moralização dos costumes dos sujeitos dentro dos espaços modernos, onde os comportamentos feminino e masculino foram delineados de acordo com os bons costumes, iriam impor normas à moralidade e à honra sexual para que Feira de Santana não perdesse sua característica de honrada. As demandas de uma sociedade moderna terminavam por privilegiar determinados setores em detrimento do restante da sociedade.

No contexto dos anos 1940 podemos situar as transformações dos jovens em fatias privilegiadas do mercado consumidor inaugurada nos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial e rapidamente difundida mundialmente, ainda que com peculiaridades próprias. Ainda é preciso lembrar que no plano político internacional prevaleceria ao longo da década de 1950, tanto a disputa de posições políticas entre os Estados Unidos e a União Soviética, como o crescimento de uma ideologia nacionalista

em quase todos os países. É especialmente neste contexto que a cultura jovem tomaria formas mais concretas.

Na Feira de Santana dos anos de 1950, envolta em um persistente passado que se corporificava em tradições e rupturas que instituíam o novo, a mocidade se tornava uma das peças da composição social da cidade envolvidas no processo de construção da modernização. Cabe assinalar que, neste contexto, os discursos religioso e científico em torno da mocidade, longe de ser uma retórica vazia, determinaria mudanças que alteraram a forma de se comportar, estabelecendo uma atitude nova na relação dos indivíduos com o seu próprio corpo e em relação ao corpo do outro.

Assim, a mocidade, enquanto categoria baseada numa faixa etária do ser moço, jovem, nos permite esclarecer as diversas características, funcionamento e transformações que aclamava ao novo em Feira de Santana.

A compreensão da diversidade presente na categoria mocidade não pode desconsiderar tantas outras categorias sociais diversas e contraditórias como grupo social, gênero, raça, relação global-regional, nacional-local, oposição urbano-rural. Não é sem razão que Cecília Sardenberg (2002), tomando por base as argumentações de Judith Butler, considera que as categorias etárias devem ser vislumbradas, considerando todas as variáveis de classe, étnicas e tantas outras envolvidas na elaboração e percepção das especificidades de cada grupo etário quanto à sexualidade.

Ao perfilharmos a diversidade das mocidades presentes em Feira de Santana no período em estudo, tornou-se possível discutirmos a criação da categoria mocidade como um dos fundamentos da modernização na cidade, ao nos oferecer indícios de que, como outros fundamentos da modernidade, possuía suas contradições.

Considerando que o moderno não é caracterizado unicamente por sua novidade, mas por sua heterogeneidade, como lembra Octávio Paz (1984:18), não podemos deixar de apontar que desde meados do século XIX até o início do XX, encontramos uma noção de mocidade concebida por práticas e discursos institucionais (sociais oficiais, estatais, liberais, burguesas, capitalistas).

Podemos sugerir que o conceito de mocidade foi legitimado pelas ciências modernas que no decorrer do século XX, a exemplo dos estudos acerca da psicopatologia social e clínica, buscavam analisar “a influência que a mudança dos

quadros da cultura exerce sobre o comportamento individual”; pontuando as implicações de ordem social no “desenvolvimento anômalo das novas gerações”, refletindo sobre a responsabilidade da família sobre o “novo papel da mulher na sociedade moderna” nas questões educativas e, especialmente, no encaminhamento de um “pensamento social saudável”.(CARDOSO, 1967: 07-13).

A mocidade se revelava um grupo que ia minando os freios morais e religiosos reguladores da relação do corpo com os prazeres, paralelamente todos os novos hábitos pareciam ameaçar a honra sexual das mulheres e, conseqüentemente, a honra masculina e familiar, especialmente os novos espaços de sociabilidades que na *Princesa do Sertão* eram identificados – através de manifestações públicas de colonistas atentos aos deslumbres de moçoilas e moçoilos da elite – como locais de risco, de perigos iminentes.

Novas formas de sociabilidades vão surgindo em Feira de Santana, através dos clubes que apresentavam como característica principal ser um espaço formado por um grupo social que estabelecia relações sócio-culturais, deixando para segundo plano a residência da cidade, a casa da fazenda e os espaços individuais, para ser um espaço que abrigava a todos participantes daquele grupo. Os sócios buscam construir sociabilidades e valores, seja promovendo eventos sociais de entretenimento, seja prestando serviços nos campos da política, da filantropia, da economia, da direção de entidades de classes. Nesses espaços, a mocidade teria a incumbência de preservar os costumes, sobretudo dos casamentos, marcando a integração na sociedade dos adultos.

Portanto, eram espaços construídos e praticados por esses grupos interessados em serem reconhecidos como modernos. Contudo, é importante acrescentar que não se tratava de apenas um padrão, mas significava múltiplas e complexas relações que os grupos sociais estabeleciam entre si e com os outros na busca de constituírem territórios para serem reconhecidos como moços.

Para revelar esses lugares e territórios vamos dialogar nesse texto como o cronista Eme Portugal que, segundo o Padre Oscar Damião Almeida (2002), foi um dos melhores colonistas sociais de Feira de Santana, uma vez que utilizou a imprensa escrita e falada para propalar os eventos locais e também anunciar as novidades das grandes capitais. Movimentando a sociedade feirense da década de 1950, através de sua coluna

social e de sua locução no rádio, promovia as festas de mais alto brilho na cidade feirense como: “o broto do ano”, “as dez mais”, “noite do Havai” e “festa de debutantes”.

As crescentes recomendações do colunista Eme Portugal sobre a vida social para a pequena elite local feirense se evidencia na maneira como participa, cada vez mais, ao longo da década de 1950, na sugestão de modernos códigos da conduta moral e sexual para mulheres e homens, procurando colocar em questão as velhas tradições e concepções que informavam os antigos padrões de comportamento daqueles grupos sociais.

Na leitura e análise da *Coluna Sociedade*³ tornou-se significativa a compreensão de como Eme Portugal, enquanto representante e porta-voz de um grupo social de Feira de Santana, pensava a feminilidade, mas, também, a masculinidade, o que nos permitiu identificar que os processos sociais ali elaborados serviam para demarcar as desigualdades entre os sexos.

Neste sentido, coube notar, como fez Guacira Louro (2004: 33), que a construção do que é feminino e masculino, em uma determinada época e em uma determinada sociedade, é ditado, em verdade, pela forma como as características sexuais são representadas e valorizadas e que tais diferenças são normalmente elaboradas tendo a mulher com referência, não como padrão, do discurso legitimador.

Não se trata de nos basearmos numa dicotomia de homem dominante versus mulher dominada. Ao contrário, estamos falando de um grupo social específico que fazia parte da elite local que se formava num território específico da cidade, portanto, de homens e mulheres permeados pelas variáveis de classes, raças, religiões e idades.

Outra variável atravessaria as identidades masculinas e femininas que ali estavam presentes, o sedutor mundo das sociabilidades e das novas perspectivas de lazer como fenômeno cultural da modernização. Lugares e espaços passavam pelo corpo que sentia, pensava, interpretava e expressava um momento de ebulição e tensão entre o tradicional e o moderno.

³ A coluna social do Jornal Folha do Norte, de autoria de Eme Portugal que atinge seu ápice nos idos de 1958, noticiando as matinês e soirées que aconteciam no Cine Euterpe e, especialmente, no Feira Tênis Clube.

O corpo e suas mudanças biológicas seriam manipulados segundo os processos sociais vivenciado na Feira de Santana dos anos de 1940 a 1950, pois como apontou Pierre Bourdieu (2005:80), “as disposições corporais são apreendidas mediante esquemas de percepção que dependem da posição que os corpos ocupam no espaço social”. Portanto, enquanto resultado de representações e práticas sociais diversas, os “corpos eram produzidos através de uma generalização de padrões estéticos e culturais” (SARDENBERG, 2002:56), de vida, de sensibilidade e de normas dentro do próprio processo de circulação social e de produção e veiculação do contexto da modernização da cidade.

Podemos dizer que as sugestões referenciadas em uma estética masculina de Eme Portugal se expressava de forma alegórica sobre os corpos de homens e mulheres e era historicamente reproduzida através da violência simbólica, expressa, pelo meio de uma prescrição estética às mulheres da pequena elite feirense, na qual o uso de acessórios, como, por exemplo, luvas, bolsas e chapéus estabeleciam modelos às identidades femininas. Esse colunista apontava a bolsa, as luvas e o chapéu, como elementos imprescindíveis à elegância feminina. Assim, nessa violência simbólica que podemos perceber “a objetividade da experiência subjetiva das relações de produção”.(BOURDIEU, 2005:46).

Na conjuntura de 1958 passa a ser uma constante nos periódicos do *Folha do Norte* a *Coluna Sociedade* de Eme Portugal que inspirado no colunista da Revista *O Cruzeiro*, Ibrahim Sued, passa a listar “As dez mais elegantes” da elite feirense. Num contexto, propício a enaltecer a beleza feminina e outros atributos de elegância e polidez, basta pensarmos os concursos de beleza e o mais grandioso e sonhado concurso Miss Brasil que começou a ser realizado regularmente em 1954, na boate do Palácio Quitandinha no Rio de Janeiro e em 1955, se tornaria o segundo evento mais importante do país atrás apenas da Copa do Mundo.

Desde então, as mulheres teriam a tarefa, de representar o país com beleza e elegância no concurso Miss Universo, sonho da maioria das mocinhas no Brasil que pleiteavam concorrer e desfilar na passarela, sob os flashes atentos dos fotógrafos. Sonhavam com o reinado, aspiravam ser rainha.

Tomando como inspiração os brotos feirenses, bem como as matinês e soirées que aconteciam no Feira Tênis Clube⁴, Eme Portugal criou um universo de inspiradoras beldades. Pelas páginas do jornal *Folha do Norte*, Feira de Santana passaria a ser situada não apenas como a cidade que crescia e se modernizava através da urbanização dos espaços, dos lugares que se tornavam espaços de sociabilidades, de criação de hábitos e modismos, como também a cidade das mulheres mais bonitas.

O colunista passava a ser uma referência em orientação da elegância que tinha Salvador como a cidade modelo das novas modas e comportamentos, passando a editar sistemas de valores, modo de vida e estado de espírito, condizentes às disposições pulsionais que articulavam a tensão tradição e modernidade na cidade.

Eme Portugal falava dos brotos feirenses inspirando-se na cidade e no estilo de vida dos seus habitantes, ao analisarmos a coluna, percebe-se que, dentre as sociabilidades que apareciam, as moças da pequena elite local de Feira de Santana gostavam de viajar nas férias e curtir as festas e boates realizadas no Feira Tênis Clube e as sessões de cinema, no mesmo clube, seja nas matinês e soirées eram programas destinados a um grupo restrito de sujeitos.

Os brotos tão referenciados pelo colunista social, exibiam a atmosfera juvenil nas páginas do *Folha do Norte*. “Brotos” era uma gíria comum na época para designar adolescentes, moças bonitas. A própria lógica por trás do termo parece remeter à mulher que está começando a experimentar a vida e seus desafios, desabrochando como uma flor.

Partindo de uma leitura própria de mocidade, Eme Portugal se constituiu no grito de alerta no que diz respeito a elegância da mulher feirense. Como o próprio colunista aponta ao “grande desenvolvimento social da *Princesa do Sertão*”, era preciso adotar

⁴ Construído na segunda metade dos anos de 1940, o Feira Tênis Clube ficou conhecido como o “Aristocrático” um adjetivo que articulava a intenção moderna em Feira de Santana aos padrões estéticos incorporados ao longo dos anos de 1950 a 1960. Assim, mais que delimitar o pertencimento daquele espaço de sociabilidade a uma “aristocracia”, ou seja, a uma parcela da elite local feirense, buscou-se conferir sentidos específicos ao modelo de ser moderno que, se não eram exatamente novos, passaram a exibir suas visibilidades /presenças para serem reconhecidos como freqüentadores de lugares novos. E por muito tempo o Feira Tênis Clube foi o espaço construído e praticado como um espaço distinto, elegante, de maneiras aristocráticas, por um grupo local interessado em ser reconhecido como moderno.

uma elegância condizente a esse desenvolvimento, uma “elegância que não era basicamente apenas um vestido bonito”.(FOLHA DO NORTE, 29 mar 1958: 06).

As regras de etiqueta e beleza presentes em Portugal eram dirigidas às moças feirenses em tom de conselho, no artigo *Fugindo a Rotina* (FOLHA DO NORTE, 29 mar 1958: 06), o colunista recomendava que: “ser realmente elegante não é somente usar um vestido e sapatos novos, numa festa ou qualquer outro acontecimento social”, em sua concepção “não era justo, não era aplausível nem concebível que as mulheres conservassem as bolsas e luvas nas malas, pois precisavam progredir no que tangia à elegância”. E como articulador da seleção anual das “dez moças mais bonitas de Feira de Santana” aconselhava que “não era admissível que as senhoras e senhoritas feirenses, principalmente as “Dez Mais”, saíssem às ruas com vestidos ‘ligeiros’ e desacompanhadas de um complemento indispensável a toda mulher elegante: a bolsa”.(FOLHA DO NORTE, 29 mar 1958: 06).

Em seu papel pedagógico, Portugal visava educar seu público leitor, mulheres e homens da elite feirense, para o ingresso nos novos tempos, não admitia que “senhoras e senhoritas comparecessem aos cinemas sem estarem devidamente enluvadas, dado o grau de civilização que se encontrava Feira de Santana”. E alertava,

Já somos uma cidade que cresce a passos de gigante. Possuímos um comércio luxuoso, clubes aristocráticos dignos de qualquer Capital, cinemas onde a elegância feminina deve preceder a tudo. [...] Sei perfeitamente que todas possuem um variadíssimo estoque tanto de bolsas como de luvas. Acontece, porém, que só fazem uso delas quando vão a Salvador. [...] As senhoras que não lograram classificações no concurso das Dez Mais o meu apelo, no sentido de procurarem equipararem às colocadas ou ultrapassá-las. Que haja competição de elegância feminina nas ruas, nos cinemas, nos clubes, nas recepções para então podermos nos ufanar de possuir a nossa cidade o plêiade das mulheres mais elegantes do interior. Que esta crônica encontre receptividade entre as elegantes da Princesa do Sertão e que a partir de amanhã constate em todos os acontecimentos sociais o atendimento às minhas sugestões. Ao terminar um lembrete: Quando for a rua faça-se acompanhar da bolsa. Ao ir ao cinema, use bolsas e luvas. Indo a um casamento use bolsas, luvas e chapéu. Convençamo-nos de que somos civilizados; deixemos os complexos demonstrando personalidade, autenticuemos a nossa civilização. (FOLHA DO NORTE, Feira de Santana, 29 mar 1958: 06).

A cidade que via desaparecer os lugares de sua memória coletiva e muitas de suas tradições inventadas para a cidade reformada, via surgir, paralelamente, lugares marcados pelo enaltecimento de uma elegância que autenticasse a modernização que estava se delineando, que representasse as mais elegantes do interior, as mais elegantes da *Princesa do Sertão*. A Eme Portugal caberia esse papel pedagógico.

É interessante perceber que os conselhos de Portugal se destinavam às senhoras e senhoritas que representavam a pequena elite local feirense, e que, portanto, tinham sua condição financeira constantemente ilustrada nas frequentes viagens de férias às capitais do Brasil, especialmente a Salvador e Rio de Janeiro, como foi o caso, por exemplo, das senhoritas Ana Maria Albuquerque e Maria Ester Portugal que se encontraram em Salvador em suas férias, (FOLHA DO NORTE, 11 jan 1958: 04) e da senhorita Nelinha Pereira que em fevereiro de 1958 teve como destino de férias o Distrito Federal via São Paulo.(FOLHA DO NORTE, 08 fev 1958: 04).

Como o próprio Eme Portugal aborda, em suas idas a Salvador, os brotos não poupavam os elementos da elegância feminina, e era justamente na capital que as mulheres entravam em contato com o que de mais atual havia na moda, que naquele momento assistia a uma difusão em larga escala de trajes para esportes e atividades ao ar livre, que inspirava alguns vestidos casuais, ou “ligeiros”, (FOLHA DO NORTE, 29 mar 1958:06) como conceituava Portugal, se assistia a emergência do modelo norte-americano.

É notável, e igualmente interessante, a sintonia da cidade com o modelo norte-americano, presente no grande número de anúncios que garantiriam a Feira de Santana o status da cidade modernizada, anúncios que iam desde a venda de apólices de fomento econômico pelo Banco Econômico da Bahia, à chegada, em 1950, do Banco da Bahia S/A na cidade, passando pela instalação de uma revendedora Ford, o crescimento da indústria automobilística, marcaria seu lugar em Feira de Santana, através das constantes propagandas que apelavam ao “prolongamento da mocidade do seu Ford” e ao entendimento de que “seu Caminhão Ford era um capital que precisava circular!”.

Na moda, apesar da manifestação da moda norte-americana se dá através da aparição de algumas “senhoritas com trajes como saia e blusa”, o modelo francês continuava sendo uma referência em bom gosto, pois garantia a aparência sofisticada,

basta pensarmos que os acessórios tão exaltados por Portugal (bolsa, luva e chapéus) eram elementos do traje *tailleurs*,⁵ típico modelo francês.

Dirigindo-se a uma elite, e não à maioria da população, que permanecia sem acesso à versão do moderno e suas lições, propagadas nos periódicos do *Folha do Norte*, a linguagem direta presente na *Coluna Sociedade* auxiliava numa comunicação maior com o público leitor, já que um dos objetivos da coluna era rever de tudo quanto se passava nos eventos ocorridos no Feira Tênis Clube, ela era feita para os grupos sociais que faziam parte e freqüentavam o clube, assim as notícias seguiam um tom de fofoca envolvendo, pois, o relato de fatos sobre o comportamento alheio, mais buscavam também construir memória e exercer uma função pedagógica na medida em que procurava imprimir um modelo que partia de um grupo social, mas que também atuava sobre ele, buscando orientar as percepções e as sensibilidades dos leitores a respeito da cidade e seus sentidos.

Ao noticiar, por exemplo, que o Tênis fez realizar a sua habitual matinê no domingo, 02 de março de 1958, “com a presença de todos os brotos da nova geração feirense, marcando presença estava um dos brotos de mais evidência do ano, Ana Lúcia Lacerda, acompanhada de sua mamãe” (FOLHA DO NORTE, 08 mar 1958:02), Eme Portugal realizava uma intervenção no cotidiano da cidade veiculando os ideais do moderno que se instaurava em Feira de Santana, destacando a presença feminina nos espaços de sociabilidades, mas dando conta também da vigilância familiar nesses espaços, onde as virtudes femininas eram exibidas e comentadas.

Vocês já notaram como estão animadas as matinês do Feira Tênis Clube? Viram que quantidades de brotos ornamentavam os salões dos mais Aristocráticos? Viram o interesse de Agnelo Portugal em dançar com a senhorita Norma Simões? Repararam que o Ruy Caribé permaneceu todo o tempo sentado, não dando continuidade ao seu caso amoroso? Vocês notaram o modelo Sputnik adquirido na “Rosatex” pela beldade Mirian Ferreira? Se por acaso não viram ou não notaram tudo isto creio que não passou despercebido a beleza, a elegância e a simplicidade das garotas Ana

⁵ Originalmente Tailleur é um substantivo masculino comum, que significa alfaiate em francês. Aquele que faz roupas sob medida e, por tradição, um homem. Vem do verbo “talhar”, cortar. Foi batizado *tailleur*, pois exigia a maestria de um alfaiate com sua força masculina para talhar o tecido com precisão combinada à leveza das mãos femininas para coser a vestimenta. Ao longo da história o clássico *tailleurs* passaria por algumas variações, no contexto dos final dos anos 50 e ao longo da década de 1960 refere-se ao Tailleur estilo Chanel.

Maria Albuquerque (cor de jambo), Cláudia Fernandes (com seu belo perfil), Simone Pitombo (com sua elegância), Paula Quesedo (a La Cearense), Sônia Menezes (com sua juventude), e muitas outras coisas. Hoje, à noite, estarei acontecendo na festa de Carminha Mascarenhas.(FOLHA DO NORTE, 15 mar 1958:06)

Associando humor e crítica social e uma clara militância pelo moderno, Portugal estabeleceu uma relação entre o clube, a cidade, os sujeitos femininos da beleza e as concepções de mocidade e modernidade, privilegiando o comentário social, em tom de fofoca, enquanto “instrumento da definição dos limites do grupo social a que pertencia, pois não se faz fofoca sobre estranhos, pois a estes não se impõem as mesmas normas”.(Ver FONSECA, 2004).

Surge em nossa sociedade um lindo e encantador broto que é a beleza mais recente da nossa cidade e que vem despertando grande interesse nos jovens de nossa terra. Trata-se da senhorita Diva Brito. Já está usando aliança na mão direita a jovem senhorita Mariza Souza que foi pedida pelo Carlos Alberto, jovem pertencente a sociedade baiana. Aos noivos os meus sinceros parabéns. Também quero revelar para os meus leitores que está de amor novo na Capital com um quintanista de Direito a simpática Tereza Assis Borges que evidentemente acontecerá este ano o seu noivado. As garotas do nosso mundo social reclamam insistentemente a falta do Dr. Francisco Pinto um dos grandes partidos da nossa terra. Mas é que o Francisco está se restabelecendo para continuar no nosso Soçaité.(FOLHA DO NORTE, 11 jan 1958: 04).

Na coluna social de Eme Portugal o tom de fofoca tinha uma função educativa, pois em vez dos pais explicarem as normas morais a seus filhos, estes, ao lerem as notícias nos jornais aprenderiam as nuances práticas dos princípios morais do grupo. Mas a fofoca do articulista funcionava também como integração do grupo social, pois era uma rede de troca, ser objeto, sujeito da fofoca representava essa integração.

Além disso, a *Coluna Sociedade* atuaria como veículo de propagação dos ideais do moderno, que não se circunscreveriam apenas ao âmbito da política ou da economia, mas também nas transformações dos costumes, dos comportamentos e das idéias daquele tempo. Num tom informal para dar um toque de intimidade com o seu leitor,

buscou atingir seu principal objetivo: transmitir um ideal de belo e um modelo para a construção de um corpo moderno.

Nas recomendações de Eme Portugal apareceriam não só a sistematização do uso de vestuário e acessórios como também a indicação das marcas de roupas que passavam a ser referência de elegância e tendência da moda, linhas como “Saco”, “Trapézio”, “Diretória”, “Triângulo”, começavam a fazer parte do cenário da moda na *Princesa do Sertão* de 1958, como marcas de referência do bom gosto. E passavam a ser apresentadas à cidade nos corpos das “encantadoras senhoritas” feirenses, nos desfiles de moda promovidos por Eme Portugal e patrocinadores, como por exemplo, as Casas Pernambucanas, no evento intitulado “O Broto do Ano”, como o próprio título esclarece, festa em que se escolhia e apresentava à sociedade feirense o broto de maior destaque nos ditados padrões de beleza.(FOLHA DO NORTE, 13 set 1958:04).

Moda era um fio condutor da divulgação das mulheres modernas veiculadas em Feira de Santana dos anos de 1950, através das páginas e seções do Jornal *Folha do Norte*, especialmente na *Coluna Sociedade*, uma estratégia que se confirma na divulgação da modernização, os concursos de beleza feminina passariam a propagar mocidade, elegância e padrão de beleza, conseqüentemente deixando de fora as classes populares feirense, sem acesso aos produtos, mas que não estariam de todo, afastadas dos rituais da moda da elite local, basta pensarmos no papel que os figurinos⁶ desempenhavam nas mãos da mãe, da comadre, da irmã mais velha e da vizinha que exerciam a atividade da costura.

Contudo, é pertinente inferir que tais padrões excluía, as classes populares e a maioria negra da população, sublinhando hierarquias e discriminações estruturalmente enraizadas, através do viés aparente, invisível e simbólico, mas não por isso menos eficaz.

Eram nos espaços de sociabilidades que as mulheres, especialmente as moças solteiras, poderiam exercitar a arte da sedução, valorizando seus atributos físicos através do vestuário e acessórios, entrando no jogo da conquista, sem, contudo, abrir mão de

⁶ “Figurino” era o termo que se costumava usar para fazer referência às revistas que continham ilustrações de modelos, de cortes. As pessoas costumavam adquirir o desenho da moda em páginas de revistas para que as costureiras copiassem, mesmo que fosse necessário remodelar a partir de uma outra vestimenta, aproveitando o tecido.

sua honra, enquanto virtude, respeitando a honra familiar. Em Feira de Santana, a arte da sedução, o jogo da conquista tinha que ser pautado pela moral e bons costumes, deixando a iniciativa do flerte para os rapazes, por isso, era preciso deixar registrado que era o “jovem Pedro Carneiro que atirava sua seta no coração de uma senhorita pertencente à sociedade de Tanquinho”, que era “Agnelo Portugal que demonstrava interesse em dançar com a senhorita Norma Simões”.(FOLHA DO NORTE, 11 jan 1958:04; FOLHA DO NORTE,15 mar 1958:06).

Os comportamentos descritos por Eme Portugal passavam a constituir numa estratégia de divulgação dos procedimentos de autocontrole feminino para que não ferissem a unidade esperada entre ela e a moralidade da ordem social a que pertenciam. Mas, o investimento na modernização e na implantação de atitudes modernas não foi apenas na cidade, e com as moças feirenses, também aos rapazes seria lançado o artificialismo moderno que buscava afastar as novas gerações do modelo de masculinidade que representavam os patriarcas do passado.

Numa cidade como Feira de Santana, enraizada numa tradição que enaltecia a masculinidade, a virilidade conviveria de forma tensa com a lógica da modernização dos hábitos, das aparências, onde as normas do bom gosto e da elegância estariam longe de serem avaliados como atributos estritamente femininos.

Aos homens inseridos na Feira de Santana dos anos de 1940 a 1960 não cabiam mais as rudezas de costumes, a rigidez de caráter, mas também se temia uma afeminação (Ver SIMÕES, 2007). Se a masculinização da mulher assinalava o declínio da instituição familiar na medida em que subvertia a ordem da dominação masculina. Também a possibilidade de feminilização do homem caracterizaria um atentado à moralidade pública, a honra familiar.

Assim, houve a necessidade de encaminhar os moços na apropriação do lugar social que lhes pertenciam por seu direito à precedência, para que não se desviassem do destino de capitalizar alianças políticas, econômicas e familiares, mantendo a honra precedente, a moral e os bons costumes. De qualquer modo, os esforços feitos no intuito de construir para Feira de Santana um lugar característico daquela modernidade foram estabelecendo novas identidades nas quais jovens rapazes da pequena elite local feirense, articulando alianças matrimoniais tornavam-se orgulhosos de suas qualidades

intelectuais e morais, vaidosos pelo poder financeiro que detinham. Com essa premissa que Eme Portugal apresentava aos brotos feirenses a lista dos maiores partidos da *Princesa do Sertão*.

Conforme prometi, aqui está, para contentamento das jovens que aspiram fazer um bom casamento, a lista dos maiores partidos de Feira: Luís Falcão (na intimidade Lúlú) proprietário de imóveis nesta cidade e em Salvador. Fazendeiro, sócio da Casa Império. Filho de João Marinho Falcão. Promete casar nos próximos dois anos. Antônio Araújo (na intimidade Maneco). Tabelião, vereador, rotariano, fazendeiro e proprietário de imóveis nesta cidade. Promete casar no próximo ano. Já tem em mãos o projeto de uma belíssima casa funcional a ser construída na rua Barão do Rio Branco, onde irá residir. Pretende casar no máximo até 1960. Francisco Pinto (na intimidade Chico). Advogado, político, fazendeiro e proprietário de imóveis nesta cidade. Como Antônio Araújo, tem planos para casamento também no próximo ano. Pedro Carneiro Neto (na intimidade Carlito). Possui fazendas nos municípios de Feira e Itaberaba e vários prédios de aluguel aqui em Feira. Promete casar nos próximos dois anos. Florisvaldo Albuquerque (na intimidade Florí). Grande proprietário de imóveis em Feira, bastante dinheiro nos Bancos. Tem cadilac. Veraneia todos os anos em Araxá ou Poços de Caldas. Promete casar no máximo até 31 de dezembro. Renato Teixeira (na intimidade, Renatinho). Comerciante de combustíveis – proprietário nesta cidade e em Santo Amaro – Lions. Grande simpatia. Carlos Cerqueira (Carlinhos). Fazendeiro, comerciante e proprietário. Está louco para casar. José Maria Vieira (Zé). Prospero negociante, fazendeiro. Boa praça. José Barkis. Fazendeiro, negociante. Muita juventude. Só fala em casamento. (...) Grande fazendeiro, proprietário nesta cidade. Milionário.(FOLHA DO NORTE, 07 jun 1958:06)

Os eleitos por Eme Portugal: Luís Falcão, Antônio Araújo, Francisco Pinto, Pedro Carneiro Neto, Florisvaldo Albuquerque, Renato Teixeira, Carlos Cerqueira, José Maria Vieira, José Barkis e o jovem milionário que o colunista não identificou, reuniam não apenas uma pomposa condição econômica e financeira como prometiam concretizar com brevidade o matrimônio. Assim, podemos sugerir que a *Coluna Sociedade* também era divulgadora de uma vigilância da sexualidade masculina na medida em que o casamento para os moços aparecia como um emergente objetivo.

Os novos ideais de comportamento da mocidade feirense, difundidos nos periódicos do Jornal *Folha do Norte*, especialmente na *Coluna Sociedade* por Eme Portugal forjaram novas identidades para mulheres e homens a partir da reestruturação das condutas, sem que houvesse uma desestruturação do sistema normativo dos papéis sociais de gênero.

Naquilo que podemos apreender que os lugares destinados às sociabilidades evidenciadas pelo colunista social Eme Portugal, eram espaços de negociação de honras, destacando-se, entre outros critérios, as virtudes pessoais, em que a elegância, a beleza física e o comportamento virtuoso se constituíam no capital feminino, enquanto que para os moços levava-se em conta o capital econômico, o prestígio político⁷.

O fato é que novos hábitos de consumo, de produção, de pensamento e de vida se pautariam nos ideais do moderno, da modernização tantas vezes incorporados no ritmo da cidade, nas expectativas e apreensões e representações dos grupos produtores. E Eme Portugal exerceu esse papel pedagógico de preparar seus leitores para as novas formas de percepção do tempo e espaço da Feira de Santana das décadas de 1950 a 1960, para as complexas questões da convulsionada vida moderna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Oscar Damiano. **Dicionário Personativo, Histórico, Geográfico e Institucional de Feira de Santana**. Gráfica Nunes Azevedo, 2002.

BARBOSA, Rui. **Obras completas de Rui Barbosa: Campanha da Bahia**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa e Ministério da Cultura, 1988, vol. XLVI, tomo III.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FERREIRA, Jurandyr Pires. (Org.) **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, vol. XX**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico/ IBGE. 1958.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

HALL, Stuart. “Quem precisa de identidade?” In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

⁷ A esse respeito são interessantes as análises do antropólogo Pitt-Rivers em “A Doença da Honra”, ao estabelecer a honra diz também do “olhar do outro sobre si”, que nada mais é do que o processo de transformação da honra sentida em honra provada e reconhecida na forma de reputação, prestígio e de “honras” que compete ao outro conceder. In: Nicole Czechowsky (Org.). *A Honra: Imagem de Si ou o Dom de Si – Um Ideal Equívoco*. Porto Alegre: R&PM, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

PAZ, Octávio. **Os Filhos do Barro: do romantismo à vanguarda**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PITT-RIVERS, Julian. “A Doença da Honra”. In CZECHOWSKY, Nicole (Org.). **A Honra: Imagem de Si ou o Dom de Si – Um Ideal Equívoco**. Porto Alegre: R&PM, 1992.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar, “Da Crítica Feminista à Ciência. Uma Ciência Feminista?.” In: COSTA, Ana Alice Alcântara & SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar (Orgs.). **Feminismo, Ciência e Tecnologia**, Salvador: Coleção Bahianas, 2002.

SIMÕES, Kleber José Fonseca. **Os homens da Princesa do Sertão: modernidade e identidade masculina em Feira de Santana (1918-1928)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.